

ASSIGNATURAS

PARA A CAPITAL

Anno	10\$000
Semestre	5\$000
Trimestre	3\$000
Mês	1\$000
Numero avulso	\$300

O CRUZEIRO

Organ dedicado às letras, pithorico
e noticiario

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

PARA O INTERIOR

Anno	12\$000
Semestre	6\$000
Trimestre	3\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Redactores e colaboradores: di-
versos

Veritas asper omnia

Escritorio da Redacção: Rua Conto
Magalhães n. 80

O CRUZEIRO

A arborisacão

Comquanto o poder executivo do municipio, se tenha esforcado em dotar a nossa capital de alguns bons e necessarios melhoramentos, prova evidente da dedicação e zelo do illustre Sr. Intendente, contudo ainda não pode conseguir a mais importante dentre os numerosos planos que S. S. pretende levar a effecto—a arborisacão das ruas da capital: quer pela falta de alguns meios, quer pelo de que os proprietarios das lotas, não consentindo que garotos malevolos, e ocosos que vagam continuamente pelas ruas quebrem e arranquem os brotos das pequenas arvores, destruindo e damnificando tudo.

Alé hioje quasi nada se tem feito nesse sentido, e não se arborisacão de parte da rua Barão de Melgaço.

Pois bem, se o Sr. Intendente conseguiu que as mudas de palmeiras fossem alli plantadas, claro está que poderá fazer o mesmo, arborisando o resto da rua, de N. a S., affirm de não manifestar algum *previdencia*, substituindo tambem as cepas secas de mangueiras da Avenida Martinho e rua 15 de Novembro, pelas mudas de palmeiras.

Como conseguir a vida das mangueiras sem cuidas as? Alem disso a arborisacão destas é prejudicial aos Srs. possidiores de casas proximas, por que tão logo floresçam e fructifiquem é o bastante para os vagabundos pôrem em continuos sobresaltos os moradores, alvos de pedradas e paus

que atirados sem a minima cautela quebram as vidraças e estragam os telhados. Posto que o Sr. Intendente tem o prazer, conforme demonstra, em ver as nossas ruas bem arborisadas, que o faça com os magnificas palmeiras bailas pelo seu porte elegante e singelo, e pelas suas folhas agrupadas em verticillo na sumidade, conforme ja fez na rua Barão de Melgaço, prolongando até encontrar a Avenida Generoso Ponce, onde seguirá até o fim desta, contribuindo assim evidentemente para o embelezamento das principaes ruas.

Então o povo cuiabano no augur da alegria bendirá a administração do Sr. Müller, incansavel promogador pelos interesses da municipalidade.

ANALYSANDO

Quem leu o artigo de apresentação d' "A Juventude", o pomposo (sem *gryphu*) "No Portico", certamente não deixará de soffrer uma decepção ao ver a orientação tomada por esse mesmo jornal, desde, ou mesmo antes do começo da discussão travada com "O Cruzeiro".

Alguns numeros ha daquelle jornal que são um desmentido em regra ao seu bombastico programma e nada mais fazem que corroborar no animo publico a verdade e a justiça do protophilo: quem prometteia largo corte estreito.

Estamos dispostos a crer que o autor do "No Portico" estava, quando escreveu aquelle artigo, animado das melhores intenções, as quaes não souberam corresponder os seus collegas e companheiros que não tendo armas para discutir sinão as que lhes offerece o seu espirito baixo e rasteiro, vom acanualmente, numa linguagem de moleques da rua com uma logica *immacinell*, e umas criticas mesquinhas e dignas do quem as faz, dissipar na idéa dos que os lêem a boa impressão que o seu jornal causára nos seus primeiros numeros.

E, com effecto, he-lo-se aquelle tra-

cho do "No Portico", em que a Redacção, ou melhor—o seu autor, expendendo na suas theorias sobre a critica, allega—que nunca desceria ao terreno das chufas e das pilherias ridiculas, e vendendo-se depois a marcha que tem tido "A Juventude", cujo ultimo numero (para citar só esse) está quasi cheio de chufas e pilherias ridiculas, soffre-se, não ha negar uma decepção, uma formidavel decepção.

Ao ideal que creiam, na sua phantasia de jovens, não souberam corresponder; e creiam que não somos nós que tal dizemos,—nem para isso nos sobra competencia; nem interesse temos nisso—é o animo publico, são os seus leitores e assignantes, em geral, de quem temos ouvido não poucas nem raras queixas, que dizem assim:—E não é para mentir!

Um jornal que nem uma collaboração litteraria traz a não ser, de vez em quando, as *gratificacões* de "O Cruzeiro" (Assim a *utilizam*), e que ainda um jornal que vem quasi sempre repleto de noticias e postaes e noticias velhas e postaes... (vai sem qualificação, é melhor); um jornal cujo unico fio é a critica pessoal, que por isso mesmo só tem merecido desprezo e pouco caso; um jornal, ora digam-nos, si um jornal deites se pareceu em nada com o que o "No Portico" nos fazia antever a phantasia?

Tanto como um ovo com um esparto. Pois nem assim se contentem os jovens da má impressão que tem causado o seu jornal com a sua orientação erronea e desprezível e têm coragem de dizer em seu ultimo numero, (quando mesmo si fosse verdade a modestie mandaria calar): "nos temos perdido da sympathia publica..." e mais adiante: "a nossa folha que graças a benignidade publica até então tem gozado de um esplendido acatamento..." Já é muito deslante e muita falta de senso.

Ora! tudo de humo e depois diga isso, collega!

Despedida

Segundo para o Rio de Janeiro com a sua fixa familia, aviuou as suas despedidas o Sr. Dr. engenheiro Luiz Ferraz, a quem desejamos feliz viagem.

Um melhoramento

Presentemente a nossa capital está passando por alguns melhoramentos tornando-se mais bella e formosa. Calçamento de ruas, ladrilhos, encanamentos, construcções e retoques de casas, pontes, illuminação etc, são testemunhas de quanto ella tem-se modificado.

Além de não possuir grandes empresas, contudo as poucas existentes podem satisfazer as exigencias do povo. Sirva de exemplo a Empresa Curitiba (ferro-carri) que não obstante a difficuldade com que luta, tem experimentado algumas reformas. Ninguém ignora a necessidade que temos de meios de locomoção, especialmente de bonds, que a população já considerava requintado pelo facil transporte nos dias de trabalho como para recreio nos Domingos e dias feriados. Esta Empresa, unica no Estado, com uma rede de trilhos percorrendo seis rias, liga o 1.º districto da capital com o 2.º; consta que vae passar por consideravel variação aperfeiçoando e melhorando em tudo. Os Srs. Emprezaes são dignos de louvores levando a effecto o seu bem reflectivo e intencional melhoramento, porém não seria imprudencia lembrar-lhes de estender a rede de trilhos abrangendo tambem a rua Barão de Melgaco e Avenida Coronel Pinheiro. Aquella, além de ser uma das principaes ruas da cidade, é larga e offerece em quasi toda sua extensão terreno que serve para o transito de bonds, independente de calçamentos e aterraes.

Esta, recentemente construida, é transitada, plana, direita e calçada, portanto ainda melhor que a precedente. E certo que os bonds não poderão subir a rua Barão de Melgaco, mas podem descer; para isso devem aproveitar da Travesa da Fidalgo, que vai ter no começo daquelle por onde deslizarão facilmente sem o menor esforço para os animados de tracção.

A vantagem são reciprocas, porque concorrendo para o embelezamento da capital com mais uma linha de bonds, contribue tambem para o augmento das receitas da Empresa.

Atendendo aos continuos reclames que diversas pessoas nos fizeram, com intuito de melhorar uma pequena quadra da rua 13 de Junho, com um insignificante aquilão, isto é, toda a extensão do muro do Asylo Santa Rita, pedimos enaerocadamente ao proprietario da dita casa, para, aproveitando o ensejo dos trabalhos de

pedreiros que ali estão trabalhando com augmento do predio, mandarmos fazer o calçamento de summa necessidade, contribuindo inquestionavelmente para o melhoramento e embelezamento da nossa cidade.

Pela terceira vez confirmamos o nosso justo appello.

Despeitados

Apresentando-se ao publico com um bem tracado programma, pensavamos que "A Juventude" seria um jornal (?) que viesse concorrer para o progresso da nossa terra.

Porém, como é certo que a "Voz popular" nos deu, o nosso povo, desde que foi formada a ideia da publicação desse pasquim, já dizia que o seu intuito era o de esmagar "O Cruzeiro" e ridicularisar os seus redactores.

Sahindo "A Juventude", veio, como já dissemos, com um bonito e esperançoso programma de mentindo o boato que corria sobre o seu intuito na imprensa.

Mas, o povo já tinha dito; e passado algum tempo o pasquim não se conteve no programma que traçou e tendo dito respeitar o terreno da critica, veio logo alvejar, com as suas baixas ridicularias, um dos redactores do nosso jornal.

Aqui houve principio o actual programma d'"A Juventude", qual é o de guerrear o mais possivel o nosso modesto e intemerato periodico.

Depois, o pasquim desceu ainda mais e mais para o terreno das criticas baixas, as quaes não surtem o effecto desejado por quem as faz e não attingem as pessoas a quem são atiradas.

Esse terreno não era ainda o d'"A Juventude".

Elle desceu ainda mais, a ponto de immergir-se no lodaçal putrido do despeito, da inveja e da baixaza, chegando agora com o seu ultimo numero a vir offender vilmente com um arsenal de desaforos, a um cavalheiro honrado, respeitado, cujos pés nunca serão salpicados pelas desrespeitosas calumnias do pasquim.

E porque "A Juventude" veio furibundo, malcriado com esse cavalheiro?

Sómente por causa da Rata, da horrenda e magistral Rata q' fez aquelles pasquim, publicando o seu grotesco boletim q' alarmou a nossa população, chegando um dos auctores daquella farça a quasi ir parar na policia por causa da sua brincadeira de mau gosto.

E agora, tendo a respeito d'"A Juventude" sabido a estrada do tal negocio, veio atirando mais improperios contra aquelles cavalheiros, por ver elle quem deu a um dos redactores do "Machete" a ideia de fazer o boletim.

Se o tal cavalheiro deu essa ideia a "A Juventude", não foi para que esse jornal (?) fizesse uma rata para dar azo ao "O Cruzeiro" de se criticar; elle fez aquillo para ver se tirava esse miseravel pasquim do vil terreno das baixezas; para ver si "A Juventude" tinha, ao menos, uma misera quantidade de espirito; porém viu que esse objecto jornal (?) só foi feito para as villanias e não para ser considerado.

E foi então assim que aquelle redacção, já conhecida e ridicularizada, veio desmentir o boletim que publicou, dizendo ser elle falso e a sua publicação não consentida. Ora, com essa desculpa estorpeada que quer "A Juventude" elevar-se do miserimo estado em que se achava? Atirando a culpa a um distincto cavalheiro, insultando-o e desrespeitosamente, com suas baixas e despezíveis e abjectas villanias, quer esse pasquim desculpe-se, se a rata que fez?

Oh! Isto ainda mais ridicularisa esse já ridiculo jornal, (?) porque os desaforos atirados por elle jamais attingirão o alvo que quer.

Pensa erradamente esse despeitado pasquim, q' esse cavalheiro é interessado d'"O Cruzeiro" e andara os redactores a dizer que o nosso boletim foi elle quem fez.

Precisamos de pedir, ajutorio de algum como faz "A Juventude", que anda mesmo mendigando artigo para si, que já desejou por a cordia entre os nossos redactores, com o infame intuito de concorrer para a morte do nosso periodico? Não, jamais faremos isso.

Se "O Cruzeiro" precisa de artigos, os seus collaboradores dão e não faz como o misero pasquim que contendo 30 para mais collaboradores, anda a implorar artigos dos proprios d'"O Cruzeiro".

"A Juventude", sim, é capaz de pedir a outrem que lhe ensine, como já tem feito, porém "O Cruzeiro", não!

Voltando-nos as desmedidas censuras que fez esse pasquim ao cavalheiro a quem atira a culpa de ter borrado, diremos ainda que esse cavalheiro jamais importou a ninguém com a consideração que lhe deu de troca-tintas, principalmente com a do auctor do editorial do pasquim e que essa desatencão que lhe foram atizadas, em vez de alacargarem o que devesse o seu auctor, muito concorrerão para consolidar ainda mais a ideia de que "A Juventude" é um jornal que foi

criado para designios baixos e tor-
pes.

Longe, portanto, está "A Juvencidade" de alcançar o que muitos consideram a sua característica essencial: o poder. Já há uma descreditação, uma maior ficção por causa das descobertas, pelas lavras que publicou, o que jamais ninguém ousou fazer a um cavaleiteiro como este, a quem elas foram dirigidas e que é respeitado e considerado por todos quanto a conduta.

Trovas

Kima molinha batida,
 Que eu não quero, e bonita,
 Que para mim nut sabida
 E para mim por instruida
 Domingo, de acordada,
 Minha dona, um jasmim,
 Certo rapaz, namorada,
 Foi poder o certo dava
 E o certo dava,
 Mas, não, não, não, não,
 O certo, não, não, não,
 E a certo, não, não, não,
 Querendo, não, não, não,
 No jardim, não, não, não,
 Disse ao pai, um pouco a medo:

09110728

BALDROCAS

Dando a notícia de um juízo crítico do *Remorso*, a sair no seu próximo número, diz «A Juventude»: «o de autemão diz que, é um verdadeiro alijão da Arte.»

Quem? o juízo crítico?

Ora inda bem que desta vez fallaram verdade, e de antemão...

Ojha o *Prepaca* que sai em campo para defender as macaquices d' «A Juventude», macaqueando elle mesmo sem o pen-
sar.

Salt-Incub?

Destas vez o Zé sabia-se com uma gracinha das dello. Intitulou o seu artigo: Onde já se viu «onde já se viu pês microscopicos?» esquecendo-se da segunda interrogação, correspondente á primeira — onde já se viu...

Sócio engracado este do PZ
nos obrigando não que... quer
do se... por nos fazer ch
não sabemos de que...

— Quem será o Pinta-molas?

— Ora! já se vê que é um *letrado* que por andar fazendo "Páginas íntimas" se julga um Bilac, e chama a todos os outros de poetas, quando só a elle cabe semelhante qualificativo.

— Não, você é redactor d' A
— Não; já fui professor de
— Escola de aprendizes
manipuladores, logo já posso ser re-
dactor.

—Que discordia essa entre o pessoal da Juventude?

— Não sei; uns redactores fa-
zem boletim, outros desfazem.
Aquillo allí *parece* m^o João Anna..

—O seu Fidelis! Então você não sabe mesmo colocar pronomes, sendo um bacharelado?

— Ora, isso é nada; si eu dis-
sesse que João pertence á classe
do Felix canto, seria de apauhar
bolos, entretanto o bácharo elando —
bleu-fantastico-redactor d' A Juven-
tude disse aquillo em plena aula.
Porem, quanto ao negocio dos
pronomes, ha gente que sabe e que
erra, quanto mais eu.

— Conheces o X-A?

—Não.

—E' aquelle typo de cara de
bolacha padre, nariz de carrapato,
que fica vermelho como camarão
quando bolem com elle.

—Bem, obrigado! «A Juventude» não tendo assumido nem nada para publicar, sabe recheia de ridiculas críticas, envolvendo na nuvem do seu palavreiro baixo, pessoas respeitáveis, que mesmo assim são alvejadas pelos desprezíveis motejos dos pelevess do quartal da jornal.

—Ah! ah! ah! Os jovensinhos
pisaram em brasas com o boletim
d' *O Cruzeiro!*

... falta o cara...
... medalha de ouro...
... que tanto...
... fizeram...

Mas o Juliano e o Portella es-
culhambam os pela refacção d' "A
Juventude" ?

Continuar indo na redacção é
não ter vergonha.

Fuchs.

Descargo

Uma cidade pequena como a nossa
é difícil de ser feita uma coisa, escondida dos olhos do povo.

Queremos dizer com isto, que o auctor das torpes e ignobéis palavras publicadas na A Juventude de domingo ultimo, entendendo com a sua linguagem de patrao, de covarde e de gente que se merece praia, a uma senhora, muito conhecida e reputada no nosso meio social, fôr o tal pensando não ser descoberto.

Porém a pericia, uma raposa, do En-
zeiro descobriu esse sujeito e chamou a
redacção daquelle periódico, que o
escrever semelhante ao poezia

O cavalleto desculpado por esse
pula de caracter e ~~capacidade~~ de
em não ligar a minima importancia
menosprezar a calumnia injuriar
he fora attirada, porque sabia que
não podia partir de gente boa e
derada, mas sim de peleyes, de
baixa e abjecta.

O autor do editorial d'A Juvencade fez o que pôde para desestimar esse senhor, porém, os seus desígnios não tiveram sucesso, alcançaram, pois basta o partido de um rapaz conhecer o nome mencionado pelas suas bellas acções. lhe valeu, quando alumno do Lyceu abano, a expulção, desse estabelecimento, e bem da moralidade do mesmo.

A Juventude em perigo

A. Prócuro ME ofeque Crapula.
João Bl ME n-fonce V. B...
Juliano O beijo da Silva
A. G. C. Imar... Calm...

José Baixot ^{de} Barros.

Wladimir → cloufobolito de Bivar.

Mario Seabra Postaleiro.

Intestinalis, *El elidiana* *El elidiana*

Ant.º Besta S.º Ivagem C.º

Tobias Anna Santa Barreto

Els os homes don jove, que ha

nam a imãvida, facia
nigrota - ibid.

inveniva! Redaccio de P...

JORNAL DAS CONTRADIÇÕES

A dissidência nos arraiaes

Ora, a "redacção" é a Juventude é uma verdadeira casa de irmãos. Não há quem possa aproximar-se que não seja ferido, mas desta vez a discordia lavrou-se entre os próprios redactores, ainda por causa do malhado boletim do dia 11.

Com effeito!

«A Juventude» desculpa-se da "rata" confessando ter cahido um dos seus redactores na trama que lhe armou um senhor muito respeitado do nosso meio, que isso o fez, diz ella, para patrocinar a causa de «O Cruzeiro».

Nessa affirmativa A Juventude, de todo vai contra a verdade.

Tal trama não houve; a Juventude, quiz, isso é indiscutível, passar por espirituousa.

Dois foram os tollos redactores que puzeram o boletim na rua e quatro foram os colaboradores que ainda os ajudaram na distribuição.

Mas como falla o vulgo, "filho feio não tem pai" a «Juventude» vendo que a sua empresa não lhe sortiu festinado favoravel, agora desanda em grosserias sobre quem, diz ella, foi o culpado.

Si acaso a opinião publica lhe fosse favoravel nesse acto a pessoa que "até então gozava da sua consideração", tornar-se-ia ainda mais benemerita da estima d'A Juventude.

A collega nada tinha que ver com pessoas estranhas; tinha somente que ajustar a conta com os seus redactores, mas nem disso se lembrou.

Como a collega cahiu nesta "rata" quer repartir com «O Cruzeiro» alguns dissabores a tempo contidos.

E é a Juventude o jornal que quer ter consideração, quando é a primeira a desconsiderar se, já com a sua linguagem baixa, despresivel, já com as suas intenções malevolias, já com as intrigas que arma, com as ratas usuas, etc.

Que a Juventude não tem um alvo dignificante e pobre, olha para os seus antecedentes, para os motivos que geraram a sua criação; para a raiva com que trata os nossos redactores; e para o que,

afinal, a nosso respeito os seus redactores dizem pelas ruas. Mais agastadissima ainda fica, porém, quando ella vê o menosprezo com que correspondemos a essas baixezas, com o silencio que doee e com o desprezo que mata.

E com tudo isso ainda é tão pretençiosa a ponto de julgar-se competente de fazer apreciação do caracter e enterio d'outrem. Mas isso se explica:

E' a vaidade e o despeito.

O SUICIDIO

Não falta quem considere o suicidio um acto hediondo e indigno até de um homem, quanto mais de um christão. A religião catholica o condemna: é um criminoso aquelle que se mata. Realmente, o suicidio, á primeira vista, parece o resultado de uma fraqueza e covardia humanas. Mas não. A propria vida é um suicidio lento, demorado. O homem se mata aos bocadinhos, dia por dia, tendo plena consciencia do que faz; mas, val impedido por uma força irresistivel, procura o abismo com os proprios pés. A humanidade caminha desde o principio do mundo para um precipicio e não está longe de o alcançar nesta marcha de depravação e miseria em que vai. O povo se corrompe a medida que a civilização o invade: Paris é o centro da arte, o da super-civilização e também é o foco da corrupção de costumes. Si volvermos o olhar para a antiguidade reconheceremos perfeitamente que os primeiros homens eram dotados de habitos mais simples, refreavam melhor as paixões brutaes, e, por isso mesmo viviam muito mais do que os homens da actualidade, carregados de vicios, de molestias pelo excesso dos prazeres. O numero dos annos que se vivem irá diminuindo, diminuindo até chegar á uma insignificancia; o tamanho physico também decrescerá e não sei como havemos de acabar. Certamente, do esterquilinio da humanidade degenerada nascerá outra forte, rigorosa que reconhece as tradições antigas. O homem quanto mais sabio, tanto mais pervertido, tanto mais doente. E de todos o que mais padece. Disse muito bem um romancista philosopho de Portugal, o maravilhoso Eça de Queiroz: «Na terra tudo vive — e só o homem sente a dor e a desillusão da vida.» E tanto mais se sente, quanto mais alarga e accumula a obra d'essa intelligencia que o torna homem e que o separa da restante natureza, impensante e inerte. E' no maximo de civilização que elle experimenta o maximo do tedio.

11

O homem se acabrunha, muitas vezes, perseguido pela miseria ou pelos pensamentos terríveis, immundos, que são os symptomas de um desarranjo mental. Isolado, detesta o mundo e vai ruminando, em silencio, as affeições que o torturam, com vergonha de abrir seu coração e dizer tudo quanto sente a outra pessoa.

Ja no augo do desespero lança mão do suicidio e salva-se d'aquelle martyrio espirital que o não deixa tranquillo.

E' um allivio. Justo é, pois que cada um disponha de si proprio como bem entender.

O suicidio é o refugio dos espiritos atribulados, das almas inquietas; é a bemaventurança d'aquelle que em vida padecia dos maiores horrores; é a gloria de muitos corações.

Quando somos assaltados por um bandido, fasciadora, matamol-o, em defesa propria, e o jury não nos condemna — absolvo; assim também o suicidio é um meio de fugir a certos inimigos perigosos, em beneficio da honra e da dignidade individuaes. Logo não é um crime como apregoa a igreja catholica. Não; muito longe d'isso; quem se mata é valente, reago, põe termo aos seus soffrimentos, salva o seu nome da maledicencia.

(Continua)



Cousas que encabulam

— Três dias depois de ter sahido o paquete, receber cartas vindas por elle.

— Ao cobrar a assignatura de jornal ja no dia 15 do mez e receber em resposta «ainda não recolhi dinheiro esta mez.»

— Ver algumas pedantes, que quereudo ter bigode, raspan constantemente as pennugens que têm.

— Uns tipos que têm todos os fornecs desta cidade, porém todos emprestados dos vizinhos.

— Passar pelas ruas do Meio e do Baixo e pela travessa do Palacio e ter de tapar o nariz com o lenço, por causa da fedentina das aguas servidas, estagnadas, que nesses logares ficam, e admirar que o *incommensuravel* Fiscal Municipal não veja isto, para ao menos muttar com 100\$000 os dones das casas de onde ascorrem aguas podres.

Holistic.

Typ. d'Orphard.